

## A filosofia indígena e a possibilidade de uma velhice ecológica

Guilherme Torres Correa

### Para começo de conversa...

**E**m artigo para o Portal do Envelhecimento e Longeviver, o demógrafo José Eustáquio Diniz Alves (2023) destaca dois fenômenos que não só moldarão intensamente o nosso futuro próximo, mas que, na verdade, já determinam nossa vida: o *aquecimento global* e o *envelhecimento populacional*. Como assevera o autor, estamos diante de duas megatendências: no caso do envelhecimento populacional, trata-se de um processo de consequências profundas para a sociedade como um todo, especialmente no que diz respeito às políticas públicas, mas, por outro lado, desejamos que todo e qualquer ser humano tenha a possibilidade de envelhecer, e de preferência que possa viver uma velhice feliz (CORREA, 2023); por sua vez, em relação ao aquecimento global, trata-se de um processo que justamente por suas consequências serem profundas para a sociedade como um todo, não o desejamos, pois são profundas e, sobretudo, nefastas.

A propósito do aquecimento global, poucas expressões têm sido tão pronunciadas nas últimas décadas como “mudanças climáticas”. A despeito do “negacionismo científico” de muitos, e dos interesses escusos de outros, as mudanças climáticas são um fato (IPCC, 2021; OBSERVATÓRIO DO CLIMA, 2021; ONU, 2022). Elas são, essencialmente, a expressão máxima de uma crise ecológica do chamado *antropoceno* ou *capitaloceno* que, em última instância, põe em risco a própria existência da humanidade. Não obstante, mesmo com “todas as evidências, as geleiras derretendo, os oceanos cheios de lixo, as listas de espécie em extinção aumentando”, ainda há os negacionistas; perplexo diante de tamanha estupidez, o filósofo e militante ecológico Ailton Krenak pergunta provocativamente se a única maneira de mostrarmos a tais negacionistas que a Terra é um organismo vivo seria esquartejando-a, picando-a em pedaços e lhes mostrando: “Olha, ela é viva” (2020a, p. 18).

Certamente estamos numa esquina crucial da história humana e ambiental. E não é de hoje que tal questão se coloca, haja vista o artigo 225 da Constituição Federal de 88: “Todos têm direito ao meio ambiente ecologicamente equilibrado, bem de uso comum do povo e essencial à sadia qualidade de vida, impondo-se ao Poder Público e à coletividade o dever de defendê-lo e preservá-lo para as presentes e futuras gerações”<sup>1</sup> (BRASIL, 1990). E entre as atuais e futuras gerações, ou entre os presentes e futuros grupos sociais, o que mais nos interessa nesta nossa conversa são as pessoas *idosas*. Além de ser o grupo social que mais cresce (ALVES, 2023), os idosos são um grupo populacional bastante heterogêneo, e isso não só por conta dos marcadores sociais da diferença (classe, raça, gênero, entre outros; a geração ou faixa etária mesma é um destes marcadores) num país como o Brasil, mas também porque, como lembra

<sup>1</sup> Sobre a noção de “bem comum” presente nesse artigo, Loureiro (2012, p. 41) afirma o seguinte: “O ambiente é definido na Constituição Federal como ‘bem comum’. Este é um conceito que possui uma dupla dimensão: é um objetivo, qual seja, garantir a todos e todas as condições coletivas para a realização pessoal; e é um meio de acesso igualitário a bens e direitos para o cumprimento de tal finalidade. No caso do ambiente enquanto bem comum, significa dizer que é um pressuposto constitucional que a natureza só pode ser apropriada para fins de interesse de realização justa de cada um e da coletividade.”

Camarano (2023), os idosos são um grupo etário deveras extenso, com indivíduos de 60, 70, 80, 90 e 100 anos ou mais.

Com isso em mente, cabe salientarmos, com Machado, Velasco e Amim (2006), que as pessoas idosas de nossa época viveram um período relevante das transformações ambientais que nos trouxeram até aqui. Podemos dizer que ao mesmo tempo em que são parcialmente responsáveis pela situação atual (GICO; CARVALHO, 2014), também são vítimas diretas dela – os impactos ambientais das mudanças climáticas influenciam radicalmente sua qualidade de vida. Noutros termos, não se trata “somente” do nosso modo de vida poluir rios, mares e solos, promover desmatamento, aumentar a quantidade de produção de lixo, provocar a morte de ecossistemas, diminuir as áreas verdes, entre outras tantas graves consequências ao meio ambiente natural, trata-se também de produzir danos muitas vezes irreversíveis à própria saúde humana, como problemas respiratórios, psíquicos e cardíacos (ONU, 2022; ALVES, 2023); isso sem falar na produção de uma paisagem urbana e rural hostil e pouco acolhedora. Também vale ressaltarmos que ao refletir sobre esse tema, isto é, a relação entre envelhecimento e meio ambiente, nos amparamos em diversos estudos (SENHORAS, 2005; MACHADO; VELASCO; AMIM, 2006; BATISTONI, 2014; GICO; CARVALHO, 2014; PORCIUNCULA; PORTO, 2014; GALON; MATOS; MANTOVANEL JUNIOR, 2018; SANTOS et al, 2022), os quais têm indicado a relevância de se pensar a questão da sustentabilidade e educação ambiental na promoção da qualidade de vida da pessoa idosa.

Diante desse quadro crítico, certamente temos necessidade de ações de grande porte e planejamento, sobretudo a partir das instâncias estatais e empresas privadas, o que, evidentemente, não exime os indivíduos de práticas nessa direção. Além disso, e o mais importante no âmbito de nossa conversa, entendemos que as pessoas idosas têm muito a contribuir para a sociedade, bem como para si mesmas, seja ao trazerem “como aprendizado os comportamentos do passado – certos e errados – que fizeram do meio ambiente uma problemática da atualidade” (MACHADO; VELASCO; AMIM, 2006, p. 166), seja ao participarem de processos de educação ambiental, por exemplo. Isso significa que para além das ações estatais e empresariais para o desenvolvimento dito sustentável, sem dúvidas as de maior impacto sobre o meio ambiente, também podemos pensar em ações pedagógicas mais diretas, com a população idosa, que venham a promover uma práxis social ambientalmente responsável.<sup>2</sup>

E no que diz respeito a essa dimensão mais pedagógica e gerontológica, não nos referimos propriamente àquelas ações que incentivam o uso racional de água e energia, o cuidado com o lixo pessoal, o consumo consciente, entre outras práticas (por exemplo os 3R: redução, reúso e reciclagem) já há bastante tempo tematizadas publicamente, inclusive com idosos (SÃO PAULO, 2006). Embora reconheçamos a relevância e necessidade dessas ações, o que nossa conversa se propõe é algo distinto, mas que certamente tem a intenção de se somar a todas essas iniciativas.<sup>3</sup> Na verdade, gostaríamos de contribuir para a sensibilização e mobilização das

<sup>2</sup> No âmbito da educação ambiental, recomendamos fortemente os trabalhos de Carlos Frederico B. Loureiro.

<sup>3</sup> Senhoras (2005), por exemplo, em artigo que reflete sobre o papel da pessoa idosa na preservação do meio ambiente, apresenta algumas sugestões para o que chama de “melhoria no binômio terceira idade/meio ambiente”: 1) Participação em ações de replantio de árvores; 2) O engajamento em mutirões de limpeza e conservação de espaços públicos como parques, praças e jardins; 3) Promoção e participação de atividades de educação ambiental em escolas, clubes e associações comunitárias; 4) Campanhas de preservação da fauna e da flora; 5) Melhoria dos hábitos de consumo, levando em consideração os impactos ambientais da produção de um determinado bem; 6) Organização de atividades nos complexos urbanos e visitas guiadas a zoológicos, hortos, parques florestais etc.; 7) Monitoramento e denúncia de ameaças de poluição ambiental.

pessoas idosas em relação às questões ecológicas, sempre assumindo que velhas e velhos são sujeitos históricos, ou seja, ativos e com acúmulo individual e social. Ademais, esse processo de sensibilização e mobilização vem também na direção de construirmos coletivamente um senso de pertencimento ao presente e de possibilidades de futuro especialmente por meio da reflexão sobre o meio ambiente.<sup>4</sup>

## Filosofia com vida e encantamento

Do ponto de vista histórico, nossa reflexão não se dá em abstrato. O que isso quer dizer? Vivemos num modo de organização social específico, que é o capitalista ocidental, o qual, além de ser tendencialmente destrutivo das mais diferentes formas de vida, também é um modo de vida que tem certa predileção por produzir tristeza. Quando falamos em tristeza, pensamos naquilo que o filósofo francês André Comte-Sponville (2003), inspirado em Espinosa, sugere: “É como uma diminuição do ser, da potência, da vitalidade. Como um cansaço, mas que nenhum descanso bastaria para abolir. (...) É existir menos, e senti-lo, e sofrer com isso”. Tal produção de tristeza se dá de maneira tão sistemática e profunda que podemos tranquilamente (ou melhor, sem tranquilidade alguma) falar em *infelicidade*, ou seja: “uma tristeza que se instala”, que permanece, que se faz como um estado ou um modo de ser (COMTE-SPONVILLE, 2003, p. 606). Paulo Freire (1997) diria que em vez de sermos mais, quer dizer, de nos humanizar, acabamos sendo menos, isto é, nos desumanizamos.

Frente a essa tristeza, ou infelicidade, desumanizadora, talvez seja o caso de lutarmos por aquilo que Luiz Antonio Simas e Luiz Rufino têm chamado (inspirados, em especial, na cultura iorubá, mas não só)<sup>5</sup> de *encantamento do mundo* (SIMAS; RUFINO, 2020). No nosso caso, mais especificamente, trata-se de contribuir para o *encantamento da velhice*. Como comentam os autores, nossa forma de vida colonizada, com suas raízes históricas no 1500, mas se estendendo, com outras manobras e expressões, até os dias atuais, “gera constantemente ‘sobras viventes’, seres descartáveis, que não se enquadram na lógica hipermercantilizada e normativa do sistema” (p. 5). Simas e Rufino não falam aí, diretamente, das pessoas idosas, mas nós entendemos, infelizmente, que poderia ser o caso. Desses “sobras viventes”, algumas se tornam sobreviventes, outras nem esse patamar alcançam, enquanto parte delas pode virar o que chamam de “supraviventes”, isto é, “aqueles capazes de driblar a condição de exclusão, deixar de ser apenas reativos ao outro e ir além, afirmando a vida como uma política de construção de conexões entre ser e mundo, humano e natureza, corporeidade e espiritualidade, ancestralidade e futuro, temporalidade e permanência” (p. 5-6).

O encantamento do mundo vem justamente na e da luta, feita de diferentes táticas e estratégias, pela “supravivência”. O encantamento não é outra coisa senão um “ato de desobediência, transgressão, invenção e reconexão: afirmação da vida, em suma” (p. 6). Parafraseando os

<sup>4</sup> *Meio ambiente* compreendido aqui como “uma síntese da dimensão natural e da social”, ou seja, como “um conjunto de relações sociais que estabelecemos entre nós e com a natureza em um determinado espaço e tempo”, entendendo-o não como “uma categoria dada, mas uma construção que nos situa no mundo e que envolve cultura, economia, valores, conhecimentos, interesses e necessidades materializados em um território” (LOUREIRO, 2012, p. 108).

<sup>5</sup> “A encantaria, no Brasil, plasmada na virada dos tambores, das matas e no transe de sua gente cruza inúmeros referenciais para desenhar nas margens do Novo Mundo uma política de vida firmada em princípios cósmicos e cosmopolitas. (...) De caráter cosmopolita o encantamento não exclui o outro como presença possível de trâncar diálogo. Por primar pela coexistência, pela alteridade e por entender que a vida é radical ecológico, a lógica do encante não exclui experiências ocidentais como contribuições para a potencialização da vivacidade. Porém, pouco mais de cinco séculos indicam como as produções vindas do outro lado do Atlântico têm se assegurado nas contratualidades raciais, hétero-patriarcais, teológico-políticas e antropocenas.” (SIMAS; RUFINO, 2020, p. 6-7)

autores, julgamos ser o caso, aqui em nossa conversa, de assinalar o desejo de *encantar a velhice* no sentido de pluralizar o ser, descentralizando-o e evidenciando-o como algo ecológico e inacabado, como uma manifestação do todo mais amplo em toda a sua riqueza de potencialidades, cuja vitalidade reside na força de “alargar o tempo”, que “é ir além das aparências e compreender os pluriversos dos seres e suas conexões” (p. 16). Como sugerem Simas e Rufino, o contrário da vida não é a morte, já que a morte faz parte do caminho; o contrário da vida é o desencanto. Assim, se desejamos pensar as possibilidades da construção de uma **velhice ecológica**, não podemos fazê-lo sem *encantamento*.

Pois bem, considerando nosso objetivo de sensibilização e mobilização para a vida, que nada mais é que uma busca pelo encantamento, acreditamos que a filosofia *indígena* têm um potencial incrível de nos sensibilizar e nos mobilizar tanto no sentido de uma compreensão mais rica, complexa e integrada da vida (humana e não-humana), quanto no sentido da defesa da vida em todas as suas manifestações, o que inclui, claro, a vida de velhas e velhos. Nossa diálogo se dará, desta feita, com um personagem já apresentado: Ailton Krenak. E o interesse que nutrimos por sua filosofia não é por acaso, pois nela a pessoa é compreendida na sua relação e tessitura com outros humanos, com outros seres e com a natureza como um todo. Vejamos uma passagem de Krenak para percebermos a dimensão ética e ecológica de sua perspectiva filosófica:

Alguns povos têm um entendimento de que nossos corpos estão relacionados com tudo o que é vida, que os ciclos da Terra são também os ciclos dos nossos corpos. Observamos a terra, o céu e sentimos que não estamos dissociados dos outros seres. O meu povo, assim como outros parentes, tem essa tradição de suspender o céu. Quando ele fica muito perto da terra, há um tipo de humanidade que, por suas experiências culturais, sente essa pressão. Ela é sazonal, aqui nos trópicos essa proximidade se dá na entrada da primavera. Então é preciso dançar e cantar para suspendê-lo, para que as mudanças referentes à saúde da Terra e de todos os seres aconteçam nessa passagem. Quando fazemos o *taru andé*, esse ritual, é a comunhão com a teia da vida que nos dá potência. Suspender o céu é ampliar os horizontes de todos, não só dos humanos. Trata-se de uma memória, uma herança cultural do tempo em que nossos ancestrais estavam tão harmonizados com o ritmo da natureza que só precisavam trabalhar algumas horas do dia para proverem tudo que era preciso para viver. (KRENAK, 2020a, p. 23)

### Krenak e o fluxo criativo da vida

Conversemos um pouco, então, sobre a filosofia de Krenak de sorte a vislumbrarmos o quão potente ela é para concebermos e construirmos uma velhice ecológica. Antes disso, vale apontar que a respeito de seu percurso biográfico<sup>6</sup>, recomendamos, entre tantos materiais, o livro cujo título é seu próprio nome (KRENAK, 2015), e no qual constam reunidas diversas entrevistas suas, onde narra sua luta (dos povos indígenas) em várias frentes e em vários momentos nos últimos 40 anos. Em que pese suas múltiplas frentes de atuação, aqui focaremos na sua contribuição filosófica, a qual, obviamente, não se desvincula de sua luta política pelos direitos dos povos indígenas, mas que, antes de tudo, se apresenta como uma concepção de mundo e

<sup>6</sup> Conferir minibiografia do autor em: <https://www.revistas.usp.br/gis/article/view/162846>. Quem tiver interesse em acessar as mais variadas intervenções do autor, e em diversos formatos de mídia, como vídeos e textos, há um repositório riquíssimo na “Biblioteca do Ailton Krenak – BAK”, disponível no site: <https://selvagemciclo.com.br/>. Por fim, sobre o próprio povo Krenak, recomendamos o site: <https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Krenak>.

de vida que extrapola todas as fronteiras de ação e reflexão. Neste sentido, e em relação à filosofia indígena, imaginamos que o discurso histórico de Krenak na Assembleia Nacional Constituinte em 1987 traz algo de essencial sobre essa forma de pensamento e vida: “O povo indígena tem um jeito de pensar, tem um jeito de viver, tem condições fundamentais para sua existência e para a manifestação da sua tradição, da sua vida, da sua cultura, que não coloca em risco e nunca colocou em risco a existência, sequer, dos animais que vivem ao redor das áreas indígenas, quanto mais de outros seres humanos” (KRENAK, 2015, p. 34-5).

A filosofia de Krenak é uma filosofia essencialmente ética, isso porque a todo momento busca responder uma questão de natureza ética: “Como viver?”. Além disso, sua filosofia (e sua luta) nos é cara por possuir elementos que nos permitem refletir sobre a velhice: “Da mesma maneira que os índios têm lutado nos últimos 30 anos para se fazer ouvir de um lugar totalmente ignorado, devem existir outros segmentos da vida de nosso país que berram e que ninguém escuta de onde eles estão, porque tem gente que é dona dos lugares de onde eles estão berrando e não vai deixar a voz deles sair desse lugar” (KRENAK, 2015, p. 254). Há, com efeito, outros segmentos da vida nesta situação, como é o caso da população idosa.

Diferentemente dos povos indígenas, Krenak afirma que a sociedade urbana industrial, ou a civilização capitalista ocidental, vive “correndo atrás pra consertar alguma coisa anterior”. Ou seja, nossa civilização é especialista em criar problemas e não conseguimos “responder aos menores incidentes de percurso” que atravessamos. Em outras palavras, a civilização capitalista ocidental se entende muito avançada quando, na verdade, desenvolve alguma engenhoca nova porque precisa resolver um problema que ela mesma criou. Tão certo como o sol do dia seguinte é que tal engenhoca nos presenteará com mil outros problemas! Obviamente, não se trata aqui de sugerir que não precisamos nos desenvolver no sentido de satisfazer as necessidades humanas. A questão é outra: estamos de fato satisfazendo as necessidades humanas? E quando as satisfazemos, quem é considerado humano nessa conta? As pessoas idosas contam? E a natureza, cumpre qual papel nessa equação?

E nessa corrida maluca, como diz Krenak, “vamos largando no percurso tudo o que não interessa, o que sobra, a sub-humanidade” (2020a, p. 10). Ele diz ter ouvido de um pajé uma pergunta feita para os brancos, que adotou como sua: “essa pressa toda com que vocês estão andando está levando vocês para onde?” (KRENAK, 2015). E tudo isso à custa de muita energia subtraída da natureza. Natureza que também somos, mas que a maioria de nós não percebe. Krenak nos provoca: consumir, qualquer “idiota” o faz<sup>7</sup>; perceber que não sou o meu umbigo, mas parte do todo, já é outra coisa que a civilização ocidental se afastou. Para esta civilização, os rios são apenas quilowatts, as montanhas somente toneladas de minério, as florestas apenas estoques de recursos naturais, o que é possível, entre outros fatores, porque “despersonalizamos o rio, a montanha, (...) tiramos deles os seus sentidos, considerando que isso é atributo exclusivo dos humanos”, de modo que “nós liberamos esses lugares para que se tornem resíduos da atividade industrial e extrativista” (KRENAK, 2019a, p. 49).

<sup>7</sup> “Não tem gente mais adulada do que um consumidor. São adulados até o ponto de ficarem imbecis, babando.” (KRENAK, 2019a, p. 24)

Nesse contexto de destruição da natureza, ao refletir sobre a filosofia do *Bem Viver* ou *Sumak Kawsai*, Krenak (2020d, p. 13) fala da ideia de compreendermos o ser humano como subordinado a uma ecologia planetária, não o inverso: “nós também, nosso corpo, assim como todos os outros seres, ele está dentro dessa ecologia ou dessa vasta biosfera do Planeta como um elemento de equilíbrio e regulador. Nós não somos alguém que age de fora”, e isso é incrível, pois “ao mesmo tempo em que somos dentro desse organismo, nós podemos pensar junto com ele, ouvir dele, aprender dele”, é como uma “dança cósmica”, uma dança da vida.

Essa perspectiva de integração dos humanos com a natureza, porque partes dela, nos permite imaginar uma relação não destrutiva com o meio ambiente; até mesmo porque, não temos muito o que fazer, pois caso destruirmos a natureza, e o temos feito dedicadamente, também nos matamos: um modo vida (ou morte) suicida. Contrariamente, permeando o modo de existir dos povos indígenas circula o sentimento de cada pessoa como sujeito coletivo. Esse ponto converge bastante com o relato de Herrero (2018, p. 96), que nos seus trabalhos com povos indígenas costumava perguntar para os idosos sobre o momento mais feliz e o momento mais triste ou difícil de suas vidas. A autora destaca que nas respostas os idosos “quase invariavelmente tiveram o ‘para nós’ em lugar do ‘para mim, ou do ‘nós’ em lugar do ‘eu’”, o que lhe fez pensar “o quanto um idoso se sente contido e participante da vida em comum, ao ponto de nem cogitar dar uma resposta focada apenas em si mesmo.”

A razão dessa perspectiva não reside especificamente no fato da pessoa idosa indígena ter uma postura diferente da pessoa idosa não indígena, é a própria sociedade indígena como um todo, com seus sujeitos *coletivos*, que é diferente da nossa sociedade urbana, capitalista e ocidental com seus sujeitos *individuais*. Não por acaso temos muito o que aprender com os povos das florestas. E, efetivamente, como o próprio Krenak apresenta, é com as florestas que podemos nos inspirar para repensarmos as cidades, que de tão centradas nos seres humanos, qualquer outra forma de vida parece não ter lugar aí: “A floresta existe com a colaboração entre humanos e não humanos; já a cidade, esta parece ter uma exclusividade, atender a uma centralidade do humano, ser uma demanda humana e, por isso, operar como uma espécie de extermínadora do futuro” (KRENAK, 2022c, p. 214). Ora, não se trata apenas de nos inspirarmos nas florestas, mas com os povos que nelas vivem. Aliás, como bem destaca Krenak (2020c), como se resumisse a essência da filosofia indígena: “Os povos indígenas vivem a floresta, eles não vivem na floresta.”

Continuando nosso papo, no contexto da pandemia de COVID-19, Krenak teve a oportunidade de falar para diversos públicos, os quais, em meio a este drama global, social e existencial, demandavam reflexões sobre a própria vida e nossas formas de existir. Ao propor repensarmos a ideia de contágio (legitimamente aterrorizante por conta do vírus pandêmico), Krenak tem convocado as pessoas abertas ao diálogo a caminharem juntas, imaginando-se como pertencentes a uma constelação, “uma constelação de seres que potencializa a vida”. Não é o caso, portanto, de se esconder sozinho da bala ou de atirar sozinho, mas de agir em mutirões da vida (KRENAK, 2021). Ademais, necessitamos tecer uma rede de contágios, só que contágios de afetos, afetos que potencializam a vida. Nessa direção, imaginamos que a leitora e o leitor podem nos perdoar a longa transcrição a seguir, em que Krenak (2021) explana brilhantemente

esse raciocínio. A transcrição é de uma fala do filósofo, de sorte que seu extenso tamanho pode se justificar também pela experiência de vivenciaros seu fluxo de pensamento. Certas paráfrases podem ser crimes! Vejamos e escutemos:

É uma experiência que pode ajudar a gente a fazer um trânsito da própria ideia da experiência da vida, a ideia estabilizada da experiência da vida, “ah, eu estou vivo, nasce, cresceu, ficou adulto, circulou por aí”, essa experiência da vida formatada, escapar disso talvez seja o primeiro movimento de formar buraco, de fazer um buraco no muro, de lançar a teia para outros pertencimentos... Pertencer a uma montanha, pertencer a um território (...). Se a gente continuar nesse divórcio da vida, vai ter uma hora que o peso da necropolítica vai estar tão insustentável que a gente não tem mais como lançar sinais para outros mundos, a possibilidade de afetos entre mundos. (...) Viver a experiência coletiva, seja numa comunidade local, seja numa experiência estendida desse coletivo. (...) Isso amplia muito a possibilidade, a própria ideia da liberdade de movimento se amplia muito quando nós admitimos quando outros seres, para além dos humanos, para além do especismo humano, também nos interessam. Às vezes alguém diz “ah, hoje eu abracei uma árvore”, e alguém diz “tá, mas e daí?”. É como se uma árvore não fosse ninguém.

Mas é! E nos permite muito:

Acontece que esse abraço numa árvore pode estar pondo esse corpo formatado de humano em conexão com um imenso mundo de outros seres que irão responder a esse abraço. (...) Nós temos todas as demonstrações de que essa potência da vida se expressa para além do corpo humano, se expressa para além da experiência limitada dos humanos. (...) Esse especismo do humano é uma prisão. A gente precisa escapar é dessa ideia de vida medíocre, reprodutiva, que está na base da nossa compreensão do que é a vida. (...) A poética da experiência de estar vivo tem de animar essa potência de ser. (...) A evolução é a vida atravessando todos os corpos, indistintamente, escapando ao especismo humano. (...) Nós somos compostagem desse ecossistema terrestre, sem pretensão. (...) Então era melhor que todo mundo entendesse que é compostagem mesmo e a gente se posicionasse em relação à vida de uma maneira que potencializa a vida, e não que consome a vida. (...) A vida não é útil, a vida é uma dança cósmica. (...) Seria muito bacana que esse corpo conseguisse saber o peso que ele tem e fazer o movimento de compostagem de forma colaborativa. Em vez da gente falar “eu quero ser eterno”, a gente já fazer outro enunciado: “Eu estou eternizado dentro do fluxo criativo da vida.”

Se trocássemos algumas palavras e termos dessa bela reflexão, trazendo uma pessoa *idoso* aqui, um *envelhecimento* acolá, certamente estaríamos diante de uma profunda ética da velhice. Assim, quando falamos de uma **velhice ecológica**, é precisamente isso que temos em perspectiva: a velhice como um momento do fluxo criativo da vida! Aliás, muito embora não se dedique especificamente ao tema da velhice, Krenak já teve a oportunidade de tecer algumas considerações a respeito (KRENAK, 2019b). Nesta ocasião, num evento sobre intergeracionalidade, Krenak comentou que as categorias de infância, juventude, adolescência, adulto, entre outras, são interpretações culturais. Imaginando e transpondo tais categorias para a realidade de seu povo, ele sugere o seguinte: “Essas categorias são recentes, porque no tempo dos nossos avós não era chamado assim, certamente eles achariam isso uma extravagância. Porque eles tinham certeza de que eles nasceram para viver uma vida toda; uma vida coletiva e

compartilhada, de natureza única. O dom da vida é tão maravilhoso e diversificado como as estrelas do céu, e todas brilham na sua intensidade e na sua antiguidade, algumas delas com bilhões de anos".

Neste momento do texto talvez seja o caso de fazermos uma ressalva. Krenak tem clareza que a forma de organização de seu povo e de outros povos indígenas difere bastante da nossa. Na civilização capitalista ocidental, por exemplo, as pessoas idosas não ocupam mais a função social da sabedoria (NERI, 2007). Por sua vez, no caso do povo Krenak, as crianças almejam ser velhas. Isso porque o seu povo não vive "a relação de descartabilidade" das pessoas idosas que conforma a nossa sociedade ocidental, estruturada sob uma "lógica industrial da vida", ou seja, sob a lógica da utilidade das pessoas. Na cultura indígena, com efeito, a sabedoria envolve uma dimensão essencial de acúmulo de experiência, a qual é transmitida oralmente e por meio de trocas intergeracionais, tudo isso "de forma horizontal, genuína e interessada". Desta feita, os Krenak não enxergam uma conotação negativa na expressão "ficar antigo", haja vista isso ser uma conquista para eles.

Estamos falando, portanto, de sociedades que se organizam de maneira diversa, e cujas características essenciais, e muitas vezes contraditórias entre si, se explicam historicamente. Destarte, o exercício de comparação aqui proposto não se dá no sentido de uma transposição direta de práticas que entendemos ricas e potentes, mas num sentido de provação reflexiva. Ora, quando Krenak nos lembra como os brancos costumam pensar que um rio ou uma montanha são lugares em que podemos simplesmente descartar lama e edificar uma ponte, ele nos provoca (e convoca) a pensar a corresponsabilidade entre as gerações, isso na direção de que cabe à sociedade como um todo garantir as condições de vida das futuras gerações. Quando ele afirma que "Construir relações entre as gerações é fazer um compromisso com a vida que vai existir depois de nós", recordamos de Simone de Beauvoir (1982; 2018), que a seu modo também pensava o mesmo e não conseguia conceber uma pessoa idosa despreocupada com o futuro das gerações seguintes porque não estaria viva para vê-lo.

Ademais, Krenak é sábio o suficiente para não propor que vivamos como os indígenas. Todavia, ele também sabe, mais do que ninguém, e suas tantas intervenções o demonstram, que o nosso modo de vida é uma máquina de destruição de todas as formas de vida, inclusive, e talvez principalmente, a dos próprios indígenas; lição que a história (o que engloba a própria vida pública e militante de Krenak) nos ensina, embora alguns não queiram aprender. Não por outro motivo concordamos com esse grande ser humano quando nos convida não só a pensar, mas, sobretudo, a agir, coletiva e intergeracionalmente:

A palavra ancestral invoca para cada cultura diferente que nós somos um vínculo com quem vive antes de nós. Nós seremos ancestrais para quem vai vir muito depois de nós. Esse mundo tem que durar, a Terra não é uma festa que termina e acabou, ela é nosso jardim por onde precisamos passar vivendo com aprendizado, que demora uma vida inteira. Esse aprendizado é muito melhor aprendido quando tem mais gente envolvida. (KRENAK, 2019b)

A propósito, como bem salienta Krenak, temos sim condições de exercer um modo de vida que não esgote a Terra em toda a sua riqueza e beleza. Não precisamos destruí-la para satisfazer nossas necessidades, a não ser que assumamos como necessidade o consumismo que o capitalismo nos impõe. Krenak está interessado “na caminhada que fazemos aqui, na busca de uma espécie de equilíbrio entre nosso mover-se na Terra e a constante criação do mundo”, afinal, a criação do mundo não se deu no Big Bang, “é algo que acontece a cada momento, aqui e agora” (2020a, p. 69). Porém, para termos uma percepção diferente da vida, temos de ouvir “a voz de todos os outros seres que habitam o planeta” conosco, do contrário, faremos “guerra contra a vida na Terra” (p. 73). E ao seguirmos este caminho, o de ouvir a voz de dos demais seres, perceberemos, como diz Krenak, que a vida é fruição, é uma dança, uma dança cósmica, não uma “coreografia ridícula e utilitária” (p. 108). Aliás, por que cargas d’água “insistimos em transformar a vida em uma coisa útil?” (p. 108-9). Para o nosso filósofo, precisamos “ter coragem de ser radicalmente vivos, e não ficar barganhandando a sobrevivência” (p. 109). Resumindo a lição: “Viver a experiência de fruir a vida de verdade deveria ser a maravilha da existência” (p. 110).

### E agora, José?

Dito isso, o que fica? Como anunciamos, a ideia aqui era pensarmos a possibilidade de uma velhice ecológica no diálogo com a filosofia indígena (Krenak). Assumimos, pois, a velhice ecológica como aquela em que velhas e velhos – sujeitos coletivos e históricos – se fazem como parte ativa e integrante da vida, isto é, as pessoas idosas como um momento, tão importante quanto os demais, do fluxo criativo da vida. Assim, esperamos que esta conversa seja um convite ao público em geral para a reflexão sobre a necessidade de valorizarmos a vida, em especial a vida de velhas e velhos deste Brasil tão maltratado e ambientalmente atacado, cujas graves consequências, como vimos, recaem de maneira crítica e particular sobre os idosos.

A luta pela felicidade das pessoas idosas em nosso país não se dará plena e satisfatoriamente sem a defesa de condições dignas de vida, o que envolve, também, uma relação integrada e sustentável com a natureza. Não há vida humana sem relação com a natureza. A nossa diferença ontológica (aquilo que nos define) em relação às demais espécies reside na exigência constante que temos de produzir nossos meios de vida, o que implica justamente a transformação contínua da natureza para a produção dos meios de satisfação das nossas necessidades (materiais e espirituais). Desta feita, ainda que pareça um par contraditório antagônico – pois ao mesmo tempo em que dependemos da natureza para existir, temos provocado sua destruição –, humanidade e natureza não são inconciliáveis! Afinal, e aqui nos inspiramos em Loureiro (2019), como a vida poderia ser antagônica à própria vida?

Como tivemos oportunidade de comentar numa série de textos no Portal do Envelhecimento e Longeviver – ocasião em que refletimos sobre a possibilidade, e necessidade, da amizade entre velhice e felicidade –, uma *velhice feliz* é uma velhice habitada por fins e projetos, e também pessoas. Trata-se de concebermos, e construirmos, uma velhice em que a alegria nos circunda, como um sentimento de expansão da potência de existir e de agir percebido como possível a qualquer momento. Esta velhice, que só pode ser velhices (no plural, afinal, como vimos, classe, raça, gênero, entre outros marcadores sociais da diferença, colocam mais ou menos dificuldades para cada grupo, bem como riquezas diversas), são velhices em ato, ou seja, velhices que não

esperam, fazendo-se conscientemente e com prazer. E considerando o que conversamos aqui, trata-se, além disso, de velhices que assumem a experiência de fruir a vida em todas as suas manifestações como a maravilha da existência, portanto, com pessoas, mas também com os demais seres, em seu fluxo contínuo e criativo que nos atravessa a todas e todos.

Para encerrar, ao menos por ora, nosso diálogo com Krenak, trazemos as seguintes palavras do autor (KRENAK, 2015, p. 258-9), que também parecem dialogar com o que temos conversado e as quais imaginamos alimentar a possibilidade do exercício de uma *velhice feliz, e ecológica*:

Essas coisas que eu avistei lá atrás, e que eu tinha uma espécie de ansiedade, é como se esperasse por alguma coisa que já existiu há muito tempo, mas que eu ansiava por fazer existir de novo, para poder ter isso de novo. Daí veio a ideia de que eu posso contar meu tempo não como tudo que já passou, mas como tudo o que eu tenha daqui pra frente. Estou experimentando com muita frequência essa visão: tudo que eu tenho é daqui pra frente. E a partir disso, vejo que o que passou é muito pouco. É como se daqui para frente você tivesse a eternidade, daqui para trás só há o que você já viu. E daqui pra frente tem tudo que pode vir a acontecer.

## Referências

- ALVES, José Eustáquio Diniz. **As pessoas idosas serão as principais vítimas das ondas de calor.** Portal do Envelhecimento e Longeviver, 2023. Disponível em: <<https://www.portaldoenvelhecimento.com.br/as-pessoas-idosas-serao-as-principais-vitimas-das-ondas-letais-de-calor/>>. Acesso em: 10 ago. 2023.
- CORREA, Guilherme Torres. **Velhice e felicidade, uma amizade possível? (partes 1, 2, 3, 4).** Portal do Envelhecimento e Longeviver, 2023. Disponível em: <<https://www.portaldoenvelhecimento.com.br/velhice-e-felicidade-uma-amizade-possivel-parte-1/>>. Acesso em: 10 ago. 2023.
- BATISTONI, Samila Sathler Taveres. Gerontologia ambiental: panorama de suas contribuições para a atuação do gerontólogo. **Rev. Bras. Geriatr. Gerontol.**, Rio de Janeiro, 2014; 17(3):647-657.
- BEAUVOIR, Simone de. **Balanço final.** 2<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.
- \_\_\_\_\_. **A velhice.** 2<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2018.
- BOLETTI NETO, Roberto; GRAEFF, Bibiana; BESTETTI, Maria Luisa Trindade. A relação idoso-ambiente em praças e parques: uma análise exploratória. **Revista Kairós-Gerontologia**, 24(3), 9-22, 2021.
- BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil:** promulgada em 5 de outubro de 1988. 4<sup>a</sup> ed. São Paulo: Saraiva, 1990.
- CAMARANO, Ana Amélia. **Os idosos brasileiros:** muitos além dos 60? IN: NORONHA, José Carvalho; CASTRO, Leonardo; GADELHA, Paulo. Doenças crônicas e longevidade: desafios para o futuro. Rio de Janeiro: Edições Livres; Fundação Oswaldo Cruz, 2023.

COMTE-SPONVILLE, André. **Dicionário filosófico**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.  
FREIRE, Paulo. Papel da Educação na Humanização. **Rev. da FAEEBA**, Salvador, n. 7, p. 9-17, jan./jun. 1997.

GALON, Viviane Silvano; MATOS, Fábio Marcelo; MANTOVANELI JUNIOR, Oklinger. **Bem viver, envelhecimento e meio ambiente**. In: Rogério Santos da Costa; José Baltazar Salgueirinho Osório de Andrade Guerra. (Org.). Estado, sociedade e sustentabilidade: debates interdisciplinares X. 21ed. Palhoça: Ed. Unisul, 2018. p. 161-174.

GICO, Vânia de Vasconcelos; CARVALHO, Mariana Oliveira Ferrolho de. A participação do idoso na educação ambiental como exercício da sua cidadania. **InterScientia**, João Pessoa, v.2, n.2, p.56-76, maio/ago. 2014.

HERRERO, Marina Marcelo. Um olhar sobre o envelhecer numa aldeia indígena. **mais60 – Estudos sobre Envelhecimento**, v. 29, n. 72, dez de 2018.

IPCC. **IPCC press release**. Climate change widespread, rapid, and intensifying. Disponível em: <[https://www.oc.eco.br/wp-content/uploads/2021/08/OC-IPCC-AR6-FACTSHEET\\_FINAL.pdf](https://www.oc.eco.br/wp-content/uploads/2021/08/OC-IPCC-AR6-FACTSHEET_FINAL.pdf)>. Acesso em: 05 de nov. 2022.

KRENAK, Ailton. **Ailton Krenak**. (org.: Sérgio Cohn). Rio de Janeiro: Azougue, 2015.

\_\_\_\_\_. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

\_\_\_\_\_. Krenak: O que as crianças aprendem ficando presas? A fugir. **Lunetas**, 2019. Disponível em: <<https://lunetas.com.br/ilton-krenak/>>. Acesso em: 10 jun de 2023.

\_\_\_\_\_. **A vida não é útil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

\_\_\_\_\_. **Vozes da Floresta**. YouTube, 14 abr. 2020.

Disponível em: <<https://youtu.be/KRTJlh1os4w>>. Acesso em: 08 jun. 2023.

\_\_\_\_\_. **Caminhos para a cultura do Bem Viver** (org.: Bruno Maia). 2020. Disponível em: <<https://www.biodiversidadla.org/Recomendamos/Caminhos-para-a-cultura-do-Bem-Viver>>. Acesso em: 08 jun. de 2023.

\_\_\_\_\_. **Filosofia ameríndia: por um outro modo de pensar e viver...** YouTube, 23 jun. 2021. Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=g4\\_hnApXhrU](https://www.youtube.com/watch?v=g4_hnApXhrU)>. Acesso em: 08 jun. 2023.

\_\_\_\_\_. **Saiam desse pesadelo de concreto!** In: MOULIN, Gabriela et al. (org.). *Habitar o antropoceno*. Belo Horizonte: BDMG Cultural/ Cosmópolis, 2022.

LOUREIRO, Carlos Frederico B. **Sustentabilidade e educação: um olhar da ecologia política**. São Paulo: Cortez, 2012.

\_\_\_\_\_. **Educação ambiental: questões de vida**. São Paulo: Cortez, 2019.

MACHADO, Rosângela Fátima de Oliveira; VELASCO, Fermin de la Caridad Garcia; AMIM, Valéria. O encontro da Política Nacional da educação ambiental com a Política Nacional do idoso. **Saúde e Sociedade**, São Paulo, v. 15, n. 3, p. 162-169, set/dez. 2006.

NERI, Anita Liberalesso. **Atitudes e preconceitos em relação à velhice.** In: \_\_\_\_\_. (org.). Idosos no Brasil: vivências, desafios e expectativas na terceira idade. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, Edições SESC, 2007.

OBSERVATÓRIO DO CLIMA. **IPCC AR6, WG1:** resumo comentado. Disponível em: <[https://www.oc.eco.br/wp-content/uploads/2021/08/OC-IPCC-AR6-FACTSHEET\\_FINAL.pdf](https://www.oc.eco.br/wp-content/uploads/2021/08/OC-IPCC-AR6-FACTSHEET_FINAL.pdf)>. Acesso em: 05 de nov. 2022.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **The UN decade of healthy ageing 2021-2030 in a climate-changing world.** Disponível em: <[https://cdn.who.int/media/docs/default-source/decade-of-healthy-ageing/decade-connection-series-climatechange.pdf?sfvrsn=e926d220\\_4&download=true](https://cdn.who.int/media/docs/default-source/decade-of-healthy-ageing/decade-connection-series-climatechange.pdf?sfvrsn=e926d220_4&download=true)>. Acesso em 02 de abril de 2023.

PORCIUNCULA, Anacirema da Silva; PORTO, Ivalina. Envelhecimento, meio ambiente e educação ambiental. **Estud. interdiscipl. envelhec.**, Porto Alegre, v. 19, n. 2, p. 453-470, 2014.

SANTOS, Valnei Pimentel et. al. Desafios socioambientais perante uma população que envelhece: sinergias entre envelhecimento, meio ambiente e saúde. **Brazilian Journal of Health Review**, Curitiba, v. 5, n. 4, p. 16959-16971, jul./aug., 2022.

SÃO PAULO (SP). **Cartilha do Idoso:** mitos e verdades sobre a velhice: guia de serviços. Secretaria Municipal de Assistência e Desenvolvimento Social. São Paulo: SMADS, 2006.

SENHORAS, Elói Martins. O papel do idoso na preservação do meio ambiente. **A Terceira Idade**, v. 16, n. 2, fev. de 2005.

SIMAS, Luiz Antonio; RUFINO, Luiz. **Encantamento:** sobre política de vida. Rio de Janeiro: Mórula Editorial, 2020.

*Data de recebimento: 10/09/2023; Data de aceite: 10/09/2023*

---

**Guilherme Torres Correa** - Bacharel e licenciado em Filosofia (USP), graduado em Farmácia-Bioquímica (UNESP), especialista em Saúde Pública (Fiocruz), mestre em Educação em Ciências e Saúde (UFRJ) e doutor em Educação (USP). Possui experiência na área de ensino de Filosofia e Ciências Humanas para o ensino médio, bem como de Didática para cursos de licenciaturas, além de experiência na área acadêmica com pesquisas científicas desenvolvidas no campo da Educação e da Saúde Coletiva. Recentemente tem buscado atuar profissional e academicamente na interface entre Envelhecimento, Filosofia e Educação Ambiental. Email: correag.t@gmail.com. Instagram: @glhrmtc

*O presente trabalho é resultado parcial de pesquisa selecionada no Edital Acadêmico 2022: envelhecer com futuro, promovido pelo Itaú Viver Mais e Portal do Envelhecimento e Longeviver.*